

# O Discurso Popular na Construção de Brasília: A Fala do Povo

Iracilda Pimentel Carvalho\*

*Eu deixei o meu Nordeste  
dentro de um fenemê  
Eu cheguei em Goiás  
Tô doidinho por ocê*

*Por cima dos pneus pilipe  
Vinhã todas "imbulança"  
trazendo no coração  
Um FENEMÊ D'Esperança*

Natalino Cavalcante.

**N**a perspectiva da inteligibilidade de um momento histórico, afastando-se os anacronismos conceituais, pretende-se aqui auscultar a trama de sentidos gerados por discursos que escapam à tipologia do político propriamente dito. Este corpus constitui-se do que chamamos discursos populares, ligados à construção de Brasília, buscando suas matrizes discursivas e tentando detectar a *imagerie* produzida pelos enunciados a serem analisados.

As representações geradas pelos discursos permitem-nos penetrar na percepção e construção da realidade, articulando-se no imaginário os elementos ordenadores, valorativos, mobilizadores, interpelativos, transformativos, veiculadores de construtos enunciativos com valor de verdade, aceitos como tal.

Para a formação desse corpus utilizei textos escritos à época da construção de Brasília: a) um discurso popular literário, *Diário de um candango*, de José Marques da Silva, um depoimento em forma de diário sobre a realidade cotidiana de um candango na construção de Brasília; b) *O candango na fundação de Brasília*, de Sebastião Varela, em forma de cordel, que apresenta um relato da fundação de Brasília do ponto de vista do candango; c) *Piotários e Pioneiros ou a epopeia*

*de Marcília*, de Natalino Cavalcante, escritos em forma de panfleto, sátira sobre a construção de Brasília, também sob a ótica do candango.

Interessa-nos nessa análise não a voz do autor, sujeito-suporte do discurso, mas os sentidos veiculados pela fala, que compõe a trama significativa relativa ao acontecimento em questão. Neste sentido, o autor aqui é contemplado em sua função e posição de sujeito, não em sua individualidade, mas em sua dispersão; desta forma, os enunciados a serem analisados não serão separados por autor, mas apresentados em conjuntos significantes.

Partindo da afirmação de que o discurso é uma dispersão de texto e o texto é uma dispersão do sujeito, Eni Orlandi acentua que o discurso é caracterizado duplamente pela dispersão: a dos textos e a do sujeito. Segundo ela, *"trata-se desta vez de se considerar na dispersão: de um lado, a dispersão dos textos e a dispersão do sujeito; do outro, a unidade do discurso e a identidade do autor. As dicotomias são, pois: discurso/sujeito/autor. (...) Assim o conceito de discurso desposui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento dos enunciados, cuja condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formação*



*ideológicas.*" (Orlandi, 1988, p. 57/69).

Nossa abordagem supõe, portanto, uma noção de história como *"o estudo de processos com os quais se constrói um sentido"*, seguindo definição de Roger Chartier. Os sentidos, entretanto, fazem-se na comunicação e o mundo dado a ver, olhar e ouvir passa pela recepção ativa dos interlocutores. Ou seja, os textos — não importando o tipo de sua materialidade — não se imprimem nas consciências, mas são por elas trabalhados. Segundo ele, *"Rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único — o qual a crítica tinha a obrigação de identificar— dirige-se (a história) às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significação ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação, de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação."* (Chartier, 1990, p. 27/28)

Nesta análise não consideramos a dicotomia tradicional cultura popular/erudita ou letrada, pois suas produções integram plenamente a noção de discurso, emergentes em condições de produção específicas, único na emergência de sua positividade. Abandona-se aqui a noção de cultura popular moldada pela produção intelectual de uma elite, seguindo uma trilha já marcada, instância repetidora, hierárquica e naturalmente situada em posição de inferioridade. Ginzburg discute esta questão em *Os queijos e os vermes*, trabalhando a questão da representatividade de um indivíduo em relação à cultura popular-camponesa de seu tempo: Menocchio não era um camponês "típico", um tipo "médio" de sua época, mas segundo este autor, *"esta singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo. (...) Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes — uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um."* (Ginzburg, 1987, p. 27)

Para Roger Chartier, o que importa, no debate atual, não é saber se o "popular" é o criado pelo povo, ou para o povo; o que interessa é *"identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais."* (Chartier,

op. cit., p.56). As vozes populares, portanto, fazem parte das séries discursivas, no momento histórico que nos interessa, o da construção de uma nova cidade no interior do país, que se imbricam à rede semântica erigida em torno deste novo objeto de discurso, Brasília. A constituição deste corpus, assim, não pretende contrapor ao discurso político dos letrados, o discurso "simplório" do popular; com Chartier, pretendemos que ambos participam de uma relação que diz respeito à formas, conteúdos, códigos de expressão e sistemas de representação e assim, *"estes cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão e sobrepostos (um letrado, outro popular) mas como produtores de "ligas" culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns nos outros como nas ligas metálicas"* (Chartier, op. cit., p.56)

Assim, estes poetas populares traduzem em seu discurso os sentimentos dos primeiros cantos: suas desesperanças, tristezas, humores e sarcasmos, mas o que aqui nos interessa não é a representação fiel dessa realidade, e sim as condições de possibilidade de permanência de certas representações do imaginário; considera-se, portanto, os efeitos de sentido dos acontecimentos discursivos que ensejam imagens, cuja organização visa produzir mais do que mera descrição formal de uma realidade exterior, pois aqui consideramos que o real, segundo Chartier *"assume um novo sentido: aquilo que é real efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele cria, na historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita."* (Chartier, op. cit., p.63).

Da mesma forma, encontramos em Giles Deleuze o tratamento indissociável do real e do imaginário.

*"Não se sabe mais o que é imaginário ou real, físico ou mental na situação, não que seja confundido, mas porque não é preciso saber, e nem mesmo há lugar para a pergunta. É como se o real e o imaginário corresse um atrás do outro, se refletissem um no outro, em torno de um ponto de indiscernibilidade"* (Deleuze, 1985, p.16)

No âmbito do discurso popular, busquei detectar a ressurgência do mito, sua epifania em no-

vas formulações, em novos enunciados que repetem o já-dito, sem entretanto dizer exatamente a mesma coisa. O apelo ao mito, se existe, já é um outro, construindo uma inteligibilidade eivada de novos sentidos e representações, em torno da constante busca de uma utopia: um locus de felicidade, prosperidade e paz social. Nesse caso é o cotidiano dos candangos que extravasa sobre o real e se identifica como o insólito, o espetacular. E por falar em candango, antes de adentrarmos o discurso popular, concederemos uma fala ao construtor intelectual de Brasília.

*"Os futuros intérpretes da civilização brasileira, ao analisar este período da nossa história não de deter-se com assombro ante a figura bronzeada desse titã anônimo, que é o candango, herói obscuro e formidável da construção de Brasília e para qual desejo ter neste discurso a palavra calorosa do merecido louvor. Enquanto os descrentes sorriam da pretendida utopia da cidade nova que eu me dispusera a constituir, os candangos se encarregaram de responder por mim, trabalhando dia e noite para que até ai se cumprisse, no meu governo, a letra da constituição"* (Kubitschek, 1961, p. 140).

Nas imagens geradas pela fala do presidente Juscelino Kubitschek, constrói-se a figura de um novo herói, sujeito coletivo, corajoso, determinado, identificado inteiramente ao idealizador de Brasília, a ponto de se substituir a ele e trazer para o plano da materialidade o que era apenas um sonho, um ideal. Uma descrição física e psicológica do candango, à imagem e semelhança do sertanejo, no dizer popular "antes de tudo um bravo", imagem moldada em torno da idéia de força e determinação.

Por que candango?

De acordo com Aurélio Buarque, é a "designação dada aos operários das grandes obras de construção de Brasília (DF), de ordinário vindos do Nordeste: por extensão qualquer dos primeiros habitantes de Brasília" (Holanda, 1986). Além da definição, o candango ganha então, em Brasília, a conotação do caçador de sonhos, domesticador do medo e dos espaços. O mito do herói é deslocado da pessoa do presidente J.K. para a massa anônima: há um deslizamento de sentido, nesta perspectiva, na medida em que a ênfase agora é dada aos homens, aos realizadores

da obra e não à cidade propriamente dita. Passa-se do mito da busca do Paraíso Perdido, ao mito do herói-povo, construtor de seu destino.

Vejamos os fragmentos discursivos que agrupamos em torno de certos sentidos axiais: identificadores heróicos, apelo-mítico/integração nacional, desamparo/esperança, louvação do herói.

#### Identificadores-Heróicos:

*"Não demorou não senhor foi gente de borbão três quartos pau de arara que vinham de caminhões vindo de todo o Nordeste o forte macho candango acostumado em todo aquele sertão"*. (Varela, 1981, p. 57).

*"Homem acostumado ao labor de seis às seis, a pão e água, os candangos com um pouco mais de dinheiro e ração, facilmente se adaptaram ao trabalho de verdadeiro titã. Jornada de vinte e mais horas foram realizadas por eles, muitos jamais voltaram as suas terras— caíram debilitados sobre o vermelho solo de Marcília. Que fazer... a grande obra deveria ser feita, mesmo que para tal fosse necessário o juramento de sangue de centenas, o suor de milhares e as lágrimas de muitos"*. (Cavalcante, 1984, p. 21).

*"Nada lhes é adverso: se vem o vento e lhes derruba o barraco, lá estão eles no outro dia remendando o que a fatalidade obstruiu, assoviando alegremente uma música do Nordeste, ou cantando uma canção de Nelson Gonçalves. (...) E o candango? Jamais, mesmo passando fome e sofrendo privações perde o bom senso e o humor que o caracteriza e o distinguem, como o sapaiteiro Baiano, que diz — Ó senhor ai da sanfona, sapeque um baião de Luis Gonzaga, que nós queremos escutar."* (Varela, op. cit., p. 16/21).

Estes enunciados trabalham a identidade e a figura do candango, delimitando suas origens regionais e suas qualidades: macho na voz popular seria quase sinônimo de nordestino, maioria absoluta entre os candangos; viril no discurso político representava a decisão, o ato da realização de Brasília. Uma união de homens, em torno de um ideal másculo, cujas dificuldades não só eram superadas, como o eram com alegria e despreendimento.

De fato, na época de sua construção, as mulheres estiveram ausentes de Brasília, a não ser em locais específicos de prostituição — Cidade Livre

— criando-se assim uma grande sociedade dominada por valores socialmente considerados masculinos, tais como a força, a resistência, a capacidade de trabalho. A isto o discurso acresce a união em torno de um dever quase sagrado, que merece todo sacrifício, sangue, suor e lágrimas em troca de apenas um pouco mais de razão. Animais de carga ou homens inquebrantáveis? A ambigüidade perpassa o texto, o trabalho é uma fatalidade, a mesma talvez que se revela na seca ou nos vendavais. O tom mescla diferentes sentimentos, resignação, uma alegria um pouco forçada, matizada de nostalgia. O candango é identificado assim como o sujeito central na saga da construção da nova cidade, que vai surgir de seu esforço e vontade.

O estilo de músicas cantadas por Nelson Gonçalves, acima evocado, apela à nostalgia, um vague à l'âme amoroso, carência afetiva, ausência da família, valor tão caro ao nordeste; Luis Gonzaga, por sua vez, tipicamente nordestino reafirma a identidade no regionalismo. Construtores de Brasília, sim; mas nordestinos.

Tanto na fala do presidente Juscelino Kubitschek, acima citada, como no discurso popular, a tônica argumentativa é a mesma: coragem, bravura, destemor e fidelidade do candango. São enunciados que se repetem e criam cadeias de imagens cristalizadas na figura do homem bom, honesto e cumpridor do seu dever: nada lhes é adverso se têm coragem, esperança e um guia a conduzi-los para o seu destino: "verdadeiros titãs", a sombra mitológica delineia o perfil do candango. Bronislaw Baczko afirma que, "o social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam-se dotam-se de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas etc. (...) Assim se define um código coletivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais." (Baczko, 1990, p.307).

A ousada obstinação do presidente em construir Brasília, aliado a uma intensa propaganda oficial e ao apoio de uma corrente intelectual que lhe fornecia embasamento teórico na elaboração da ideologia do desenvolvimento, a arrancada para o futuro, a eliminação do subdesenvolvimento

como etapa final fizeram da cidade um marco decisivo no imaginário social.

De fato, o governo JK foi marcado por transformações de grande alcance, sobretudo na área econômica, realizadas através do plano de metas (31 metas), entre as quais energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e a construção da nova capital, considerada meta-íntese de seu governo. Esta política desenvolvimentista utilizava o Estado como instrumento coordenador do desenvolvimento, estimulando o empresariado nacional, mas também criando um clima favorável à entrada do capital estrangeiro, quer na forma de empréstimos, quer na forma de investimento direto. Seu apoio ao capital internacional era na verdade o trunfo de que dispunha para garantir o afluxo de capitais capazes de possibilitar a execução de seu programa de metas.

Neste ponto, o discurso de JK ilustra bem seus propósitos: "*provocar e criar prosperidade. E o concurso do capital e da técnica do estrangeiro nos era indispensável.*" (Kubitschek, 1962, p.191).

Este discurso desenvolvimentista revigora um processo de internacionalização da economia brasileira, criando um clima mobilizador em torno da meta-síntese do programa governamental, garantindo unidade e empenho em torno da grande obra, conseguindo transformar, de acordo com Miriam Limoeiro, "*o objetivo de um grupo social restrito, de uma fração de classe, em aspiração coletiva, em motivação. Os aspectos político-ideológicos são apenas justificativas, pois a ação — pelo menos a ação proposta — é decididamente econômica.*" (Cardoso, 1977, p. 340).

Assim, a construção de Brasília assumia, dentro da política desenvolvimentista, o caráter simbólico das metas pretendidas, uma vez que esta incorporava o objetivo de crescimento e integração nacional. A associação do candango a esta obra reforça uma identidade, e sua imagem passa a ser um dos símbolos de Brasília: o candango percebe-se e é visto como peça fundamental, o tijolo necessário para edificação dos sonhos do presidente e da população brasileira, imagem constituinte do discurso sobre Brasília ("os candangos se encarregaram de responder por mim, trabalhando dia e noite....").

## Apelo mítico/integração nacional

*"E assim esta notícia espalhou neste Brasil; a maior da construção em Goiás era Brasília, era a cidade mais nova que no Planalto nascia em nosso Brasil central: a capital do país" (Varela, op. cit., p.57).*

*"A maioria dos que atendiam ao chamamento vinha do Nordeste- eternos caminhantes na busca de melhores dias esses denodados paus-de-arara.(...) Atendendo o chamado do bandeirante teleguiado, de todos os recantos da pátria, se deslocaram os candangos com o endereço de Marcília: do Arroio Chuí do Prata, do Atlântico ao Paraguai, ouviu-se o chamamento do Novo Cabral. Diziam todos- o novo Eldorado agora está instalado no coração da pátria e não mais em São Paulo ou no Paraná (...) Todos embarcaram em direção à arca salvadora. Jornais de todos os recantos lançam manchetes escandalosas anunciando a nova era que surgiria para a integridade nacional" (Cavalcante, op. cit., p.21).*

É interessante notar a reinscrição do apelo mítico, desta feita, na cisão entre o sujeito da enunciação (o autor) e o sujeito dos enunciados (o candango) utilizando-se a forma narrativa, não interpelativa, ressemantizados assim, os enunciados dos idealizadores de Brasília, como vimos acima. Segundo Foucault,

*"Enquanto uma enunciação pode ser recomeçada ou reatualizada, o enunciado tem a particularidade de poder ser repetido: mas sempre em condições estritas. (...) Os esquemas de utilização, as regras de emprego, as constelações em que podem desempenhar um papel, suas virtualidades estratégicas, constituem para os enunciados um campo de estabilização que permite, apesar de todas as diferenças de enunciação, repetilos em sua identidade. (...) se o conteúdo informativo e as possibilidades de utilização são as mesmas, poderemos dizer que ambos os casos constituem o mesmo enunciado." (Foucault, 1987, p. 121/119).*

A rede de sentidos instaurada assegura portanto a repetição dos enunciados míticos, apesar das instâncias de repetição não serem coincidentes. As lexias chamado/chamamento, atração,

bandeirante, eldorado, coração da pátria, nova era, arca salvadora, integridade nacional compõe uma constelação de sentidos delineadora do apelo mítico. Para Girardet, este apelo *"exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos."* (Girardet, 1987, p. 13). O papel da mídia na construção desta interpelação mítica é acentuado pelo discurso popular: a historicidade do fato é suplantada pela criação do acontecimento através da mídia, como exprimem as expressões **"bandeirantes teleguiado, manchetes escandalosas"**. Segundo Baczko, *"os novos circuitos e meios técnicos amplificam extraordinariamente as funções performativas dos discursos difundidos e (...) dos imaginários sociais que eles veiculam.(...) a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros num amálgama extremamente ativo, através do qual se exerce o poder simbólico."* (Baczko, op. cit., p. 313/314).

Por outro lado, percebe-se o mapeamento das regiões de promessas, a móvel localização do Eldorado deslocando-se de São Paulo e Paraná para o centro do país. De fato, nos anos 60 esgotara-se a fronteira agrícola paranaense, Estado que acolhera milhares de migrantes entre 1940/60, desbravadores/ destruidores de matas e pinheirais, obstinados/obcecados pelo ouro negro vegetal: o café (a esse respeito, ver Swain, 1979). As incessantes migrações verificadas no século XX no Brasil não cessaram de obedecer a apelos míticos, sejam eles de ordem econômica — riqueza fácil, Eldorado — sejam de ordem renovadora, mística, Paraíso, Canaã, Terra Prometida.

Dessa forma, não é difícil entender a disposição do sertanejo que, contagiado pelo mito Brasília, vislumbra a perspectiva de mudança em sua vida, numa terra da qual se ouvia maravilhas, aquelas que perseguia em seus sonhos. O apelo era forte demais e a realização, a vinda para a participação efetiva na construção do sonho estava ao alcance de todos os homens.

De onde vinham? De toda parte, todos os recantos, todas as moradas, determinados a enfrentar qualquer barreira.



Se a corrida para o ouro na Califórnia mobilizou 350 mil pessoas entre 1848 e 1869, ou seja, em vinte anos, em apenas três anos quase a metade deste contingente dirigiu-se para Brasília, rumo ao canteiro de obras; entre 1957/60 cerca de 145.276 migrantes vieram a Brasília oriundos de: Goiás, 44.943; Minas Gerais, 20.725; Guanabara, 15.403; Piauí, 8.616; Bahia, 61.601; São Paulo, 8.618; Paraíba, 7.886; Ceará, 7.338; Pernambuco, 7.336; Rio de Janeiro, 3.517; Rio G. do Norte, 3.672; outros estados, 9.702; estrangeiros, 918 (CODEPLAN, 1973, p.35).

Como chegavam? A pé, de trem, de pau-de-arara, de Fenemê (caminhão), o transporte não importava, o que importava mesmo, era chegar e tomar parte no "mutirão nacional".

### *Desamparo/esperança*

*"Hoje o candango é esquecido e vive sem proteção perderam a mocidade nesta grande construção vivem nas cidades satélites porém sem satisfação (...)*

*São estas cenas passadas especiais de Brasília Bolando plano e projetos a flor do nosso Brasil sonetos de acalento também deles denegritos (sic) isto aqui foi uma luta aqui se foi muitas vidas o candango hoje é esquecido."*

(Varela, op. cit. p.15/175)

*"O candango nunca deve saber quanto vale, nasceu pra burro de carga e como tal deve continuar. Onde existe uma obra de grandeza nacional lá estão eles, alimentando sempre uma esperança de melhores dias."*

(Cavalcante, op. cit., p.30).

*"Eu não tenho onde morar! É verdade leitores, o candango deve cantar isso, pois sua casa é o mundo, o seu teto é o teto do céu. (...)*

*Os candangos não mais reclamam nada; estão mesmo pobres, pobres como jó! Brasília os despojara de tudo o que tinham, deixando -os ao léu." (...)*

*E Brasília candango?*

*Há de melhorar mais tarde. Quando melhorar, aqui estaremos de novo com aquela mesma disposição que sempre nos distinguiu."*

(Silva, s/d, p. 138/144).

Longe de constituir uma ilusão ou um discurso ilusório mistificador, dissimulador de uma exploração do indivíduo, a interpelação mítica é constitutiva da realidade, uma vez que os agentes/atos e suas representações são, como afirma Baczko, indissociáveis. Entretanto, na perspectiva de Maffesoli, o imaginário constrói um fantástico cotidiano que mescla, na elaboração do social, o duplo iluminado/obscuro da realidade material e de suas percepções/representações. De acordo com ele autor, *"se não houvesse uma carga mágica na vida de todo dia, o aspecto mortífero da automatização venceria a pulsão do querer viver. A imagem estranha, fantástica, prospectiva, utópica vale pelo que possui de banal."* (Maffesoli, 1984, p. 73).

De fato, o discurso popular fala de uma realidade que é oposta à certas descrições. Por exemplo: os acidentes eram frequentes nas "viradas" que, segundo Nair Bicalho, eram jornadas de trabalho atingindo 14 a 18 horas diárias dando um ritmo incansável às máquinas, dia e noite e os domingos e feriados eram dedicados às horas extras (cf. Bicalho, 1983, p. 36-37). De acordo com a mesma autora, registros de moradores antigos descrevem um cenário pouco confortável nos acampamentos, que incluíam alojamentos compostos por galpões com dez a quinze quartos, com beliches de dois a três andares; os colchões eram de capim e a falta de higiene nos alojamentos favorecia a presença de percevejos, pulgas e piolhos. O sanitário era uma 'casinha' com porta de lona ou um simples buraco cavado no chão.

Segundo Maingueneau,

*"A comunidade se estrutura pelo mesmo movimento que gera os enunciados, suscetíveis, por sua vez, de tematizar, por vezes sutilmente, as instituições na qual eles estão implicados e sua própria interação com estas últimas. Este elo crucial entre o fazer e o dizer de uma comunidade representa o ponto cego do discurso, a evidência primeira que funda a crença."* (Maingueneau, 1989, p.70).

Entretanto, as práticas não-discursivas fazem parte deste universo de sentidos, já que o trabalho em Brasília era rigorosamente ordenado/regulamentado em setores, zonas, punições, deportações, interditos. Uma rígida organização do

trabalho, moradia, diversão e circulação **nega** a identidade que o discurso constrói e justamente reafirma para não perdê-la.

Os discursos populares em questão desconstruem a perspectiva mítica, apenas para melhor reatualizá-la na ênfase da esperança, ou, como sublinha Baczko, "uma sociedade desencantada, mas nem por isso desprovida de sonho e do seu próprio sistema de representação imaginária." (Baczko, op. cit., p. 395). O conteúdo argumentativo destes fragmentos discursivos poderia constituir, segundo Osakabe, "uma espécie de operação que visa fazer com que o ouvinte não apenas se inteire da imagem que o locutor faz do referente, mas principalmente que o ouvinte aceite essas imagens." (Osakabe, 1979, p.82).

### *Louvação do Herói*

"Juscelino não inventou  
porém foi quem construiu  
se ele não executa  
outro não se atreveria  
pois de sessenta pra cá  
só se vê é carestia (...)  
Quando Juscelino chegava  
todos mudavam a feição  
era o chefe do governo  
cheio de satisfação  
sentia-se que seu prazer  
era esta construção (...)  
Um cidadão sorridente  
complementava os candangos  
dizia estão satisfeitos  
isto aqui é um sertão  
mais tarde vai ser a redia  
a capital da nação  
Entre todos os presidentes  
foi ele o mais popular  
a sua política foi  
só mesmo de trabalhar  
se um dia ele desaparecer  
todos tem que se lembrar."  
(Varela, op. cit.37/156)

"Vez por outra Umbelino aparecia  
para dar conforto moral à candangada,  
candango na frente do regente fica  
todo fofo."

(Cavalcante, op. cit., p. 21).

Nestes fragmentos discursivos fundem-se as imagens do herói-presidente e do herói-povo, em uma identificação tal que apaga mesmo as dificuldades pela emoção do encontro e do sorriso, o sorriso do Nonô, como era chamado carinhosamente Juscelino. Havia mesmo uma música, à época, que era cantada por todos e identificada a Juscelino:

"Como pode um peixe vivo,  
viver fora da água fria?  
como poderei viver,  
como poderei viver,  
sem a tua, sem a tua,  
sem a tua companhia?"

JK consegue atingir sua meta de construir Brasília e transferir a capital e sua imagem permanece ligada à cidade em um de seus monumentos, o Memorial JK, que abriga seus restos mortais e todo um acervo ligado à sua vida e suas realizações. A imagem do presidente sobrepõe-se a qualquer desencanto; há como que uma incorporação da figura do herói aos próprios valores do candango e um bom indicador dessas imagens coletivas é a própria maneira como o discurso popular registra o momento de emoção diante da presença do presidente.

"Quando Juscelino chegava todos mudavam a feição...", "Candango na frente do regente fica todo fofo"..., "Um cidadão sorridente complementava os candangos"..., "Entre todos os presidente foi ele o mais popular"...

Nele o povo encontra conforto, abrigo, refúgio, proteção, gerando uma situação de cumplicidade entre o candango e seu presidente-herói; é o mito fortalecido, enraizado no imaginário e na realidade histórica. De acordo com Raoul Girardet,

"Toda a questão está evidentemente em saber como se opera a passagem do histórico ao mítico, como se opera, em outras palavras, esse misterioso processo de heroificação, que resulta na transmutação do real e em sua observação no imaginário." (Girardet, op. cit., p. 71)

Reafirmando o mito, essas imagens não só abrigam esperanças, mas superam o discurso da conveniência e trilham pelos caminhos de um destino inevitável, determinado. Para Baczko, "ao

longo da história o poder carismático assenta em imaginários sociais que o grupo social projetava sobre o chefe carismático. Este último amplificava-os e redistribuía-os, oferecendo ao grupo uma certa identidade coletiva, orientando e canalizando as suas esperanças e angústias." (Baczko, op. cit., p. 314).

## Satisfação, prazer, alegria, conforto

A presença do presidente-cidadão ameniza o cotidiano, trazendo até ele, a seu nível, a imagem simbólica do poder maior, do governante, regente, que orchestra a execução do sonho Brasília. De certa forma a força mágica do mito integra o dispositivo do poder disseminando-o pelo social obtendo assim uma força de impulsão e de controle de caráter muito mais persuasivo do que repressivo. A despeito da precariedade das condições de trabalho e alojamento dos candangos, do grande número de mortes por acidente de trabalho, do isolamento e separação das famílias, o entusiasmo não arrefecia. Segundo Maffesoli, existiria uma relação orgânica que une o fantástico e o cotidiano e esta perspectiva ilumina a relação "ambígua e inquietante que une o indivíduo ao ídolo e ao ícone." (Maffesoli, op. cit., p.73). A identificação, a familiaridade, a proximidade com o ídolo ou o chefe alimentam os sonhos e as fantasias, inserem no cotidiano a dimensão do fascínio, agregando-lhe valor.

A busca de um Paraíso Perdido, de um locus de abundância e felicidade reemerge coordenando as mais diferentes ações em épocas/loais completamente distanciados: seja, por exemplo, com os puritanos do século XVII, chegando na América do Norte e visando a re-construção do paraíso, seja com os candangos refazendo o mundo em Brasília no século XX, revela-se a pregnância do mito da renovação e do re-encontro. O herói mítico é o canalizador, o receptáculo das emoções, o executor dos sonhos coletivos, o condutor dos homens, o homem, ideal-tipo de qualidades e virtudes, encarnação de todos os valores sociais desejáveis, atualizados.

Dessa forma, habitando o mito, o poder institucional entrelaça-se, enreda-se na vida cotidiana, penetrando as motivações e os impulsos coletivos. A este respeito, Paul Veyne sublinha:

*"Não quero dizer de forma alguma que a*

*imaginação anunciaria as futuras verdades e que deveria estar no poder, mas que as verdades já são imaginações e que a imaginação está no poder desde sempre; ela, e não a realidade, a razão ou o longo trabalho do negativo."* (Veyne, 1984, p. 10).

*\* Iracilda Pimentel Carvalho — Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos — FE/UnB.*

## Bibliografia

- BENEVIDES, Maria Vitória. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- BICALHO, Nair Heloisa. *Construtores de Brasília*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento (Brasil:JK-JQ)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- CAVALCANTE, Natalino. *Piotários e pioneiros, Brasília, Itúira, 1984*.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural:entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Difel, 1990.
- CODEPLAN. *Anuário de Brasília, Brasília, 1973*.
- CRUZ, Iracilda Pimentel Carvalho. *Imagens e Representações no nascimento de novas cidades: Brasília (1958/1960) Samambaia (1989/1993)*. Tese de Mestrado, Brasília, UNB, 1993.
- DELEUZE, Giles. *A imagem-tempo*, Rio de Janeiro, Brasiliense, 1985
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*, Rio de Janeiro, Forense, 1987.
- GINZBURG,Carlo. *O queijo e os verme. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, SP, Companhia das letras, 1976.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. SP Companhia das letras,1987
- HOLANDA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, 2a.ed.
- KUBISCHEK, Juscelino. *A marcha do amanhecer*. SP, BestSeller,1962.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. *Discurso-1960*, Rio de Janeiro, 1961, p. 140.
- MAFFEASOLI, Michel. *A conquista do presente*.Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em análise do discurso*. São Paulo, Pontes, 1989.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e Leitura*, SP, Cortez, 1988.
- OSAKABE, Haqira. *Argumentação e discurso político*.São Paulo, Kairós,1979.
- SILVA, José Marques da. *Diário de um candango*, Rio de Janeiro, edições cruzeiro, s/d.
- SWAIN, Tânia Navarro. *Des grands espaces vides au capitalisme agraire. Le cas du Paraná, 1940/70*. Paris, tese de doutorado, Paris III, 1979.
- VARELA, Sebastião. *O candango na fundação de Brasília, Brasília, 1981, (literatura de Cordel)*.
- VEYENE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo, Brasiliense, 1984.